

Piauí



Do quintal produtivo à confeitaria: o talento e a coragem da agricultora familiar Renata

No chão do Semiárido, mulheres plantam sonhos e escrevem histórias de coragem todos os dias. Uma delas é Raimunda Nonata Mendes da Silva, de 43 anos, que prefere ser chamada de “Renata”. Agricultora familiar, ela ama e cuida da terra onde vive no Piauí.

Renata é casada com Francisco Chagas dos Santos, de 46 anos, conhecido como Chaguinha, e é mãe de Maria Fabíola da Silva Santos Barreto e de Francisco Fábio da Silva Santos. A família vive no Assentamento Baixa dos Tugis, zona rural de Piripiri (PI).

É nessa terra conquistada com muita luta que Renata tem tudo o que precisa para viver bem. A agricultora cultiva feijão, manga, goiaba, acerola, melancia e caju. Nos canteiros, ela planta alface, coentro e cebolinha, além de plantas medicinais como boldo, cidreira e capim-santo. O espaço também abriga a criação de ovelhas e galinhas caipiras.



A diversidade revelada pelo colorido do quintal é resultado do impacto da cisterna-calçadão, que a família conquistou em 2025.

A tecnologia social de 52 mil litros foi implantada pelo Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e do Governo Federal, em parceria com o Fórum Piauiense de Convivência com o Semiárido e executado pelo Centro Regional de Assessoria e Capacitação (Cerac).

Foi nos cursos de capacitação realizados durante a execução do programa que Renata aperfeiçoou suas técnicas agroecológicas. A agricultora incluiu no seu espaço produtivo, por exemplo, a adubação do solo com folhas de caju e esterco animal.



“A cisterna é uma bênção de Deus. A água é tudo. Hoje tenho muita fartura no meu quintal. Só gratidão”, comemora Renata.

A luta por água, terra e mais direitos

Para chegar onde está hoje, Renata precisou superar muitas dificuldades. Como tantas sertanejas, começou a trabalhar na roça ainda na adolescência.

Essa rotina se intensificou após se casar com Chaguinha, aos 16 anos, quando passou a morar na casa de parentes, na comunidade Pé do Morro. Apesar das dificuldades, ela conta que sempre buscou ser forte e positiva, principalmente após o nascimento da filha, Maria Fabíola.



“Tudo era muito difícil. A gente não tinha terra própria e a água era longe. Às vezes saía correndo com a lata de água na cabeça porque deixava minha filha dormindo, quando chegava, a lata estava pela metade. Carne era rara, só quando criávamos algum animal. Mesmo assim, sempre encarei tudo com muito amor e fé em Deus”, lembra Renata.



Renata faz questão de reforçar que sempre encontrou forças na família para continuar sonhando com a conquista de direitos básicos, como o acesso à água e à terra. Em 2005, ela se mudou para o Assentamento Baixa dos Tugis e pôde celebrar a realização de dois grandes sonhos: a casa própria e uma área de terra para cultivar.

“Aqui foi onde pude ter uma casa rebocada, com banheiro e pintada, conquistada por meio do crédito fundiário. Foi a realização de um sonho”, diz.

Mesmo com a terra própria, o desafio da água persistia. A água do poço que havia na comunidade não servia para consumo nem para atividades domésticas, pois era muito barrenta. Ainda assim, Renata não desistiu.

Apaixonada pelo cultivo de alimentos, ela aproveitava a pouca água disponível para fazer canteiros de verduras e hortaliças, e vendia os produtos nas comunidades vizinhas. Isso lhe rendeu muitas alegrias, como a compra das primeiras roupinhas do filho.

“Meu filho Francisco Fábio nasceu em 2009, e o enxoval dele eu comprei todo com o dinheiro das verduras que produzíamos. Mesmo grávida, eu saía vendendo nas comunidades vizinhas e só chegava em casa à noite. A luta era pesada, mas tenho muito orgulho de tudo que conquistamos”, recorda.





Do quintal produtivo à confeitaria

Em 2014, Chaguinha passou por uma cirurgia na coluna, o que o impediu de continuar trabalhando. Renata então precisou se reorganizar para diversificar as fontes de renda. Foi aí que a agricultora descobriu o talento para a confeitaria e a produção de salgados.

“Tudo começou quando passei a ajudar minha comadre Evanir, madrinha da minha filha, que fazia bolos e salgados. Eu lavava as louças e observava ela trabalhando. Até que um dia resolvi tentar. Comecei a fazer bolos e salgados e vendia direto. Desde então, todos os anos montamos nossa barraquinha nos festejos de Santa Teresinha”, conta.

Com o tempo, Renata também começou a produzir bolos de goma para vender de casa em casa nas comunidades. Depois, aprendeu a preparar bolos confeitados

A história de Renata é um exemplo de resiliência. Sua vida foi transformada pelo Programa Cisternas, que possibilitou o acesso à água de qualidade e a implementação de um quintal produtivo capaz de garantir alimentação saudável para sua família, além de fortalecer seu empreendedorismo e o amor pela terra no Semiárido nordestino.

“Eu espero ampliar ainda mais o cultivo de alimentos no meu quintal e ter mais qualidade de vida no lugar que amo, com uma alimentação cada vez mais saudável”, sonha a agricultora e confeitaria.